

INTERNACIONAL

Redução de dívida tem nova proposta nos EUA

A idéia é criar um fundo mundial para administrar débitos do Terceiro Mundo

WASHINGTON — O presidente da agência norte-americana de proteção aos depósitos bancários (FDIC), William Seidman, agitou ontem a arena dos debates internacionais sobre a redução da dívida externa do Terceiro Mundo, ao propor a criação de um fundo mundial para administrar os débitos das nações em desenvolvimento e, com ele, ajudar na implantação do Plano Brady, idealizado pelo secretário do Tesouro dos EUA, Nicholas Brady. Da capital norte-americana, Seidman declarou que sua iniciativa veio trazer ainda novos elementos para superar a crise do endividamento dos países pobres — “o principal e mais polêmico assunto da atualidade” — e acrescentou que o espírito de sua estratégia é simples: “Seria criar uma gigantesca agência de seguros com as contribuições do Banco Mundial, FMI, BID, bancos comerciais e governos de países ricos que apoiaria o esquema de redução de dívidas das nações do Terceiro Mundo”.

Esta superagência, segundo Seidman, daria cobertura a todos os créditos pendentes do sistema bancário internacional desde que os bancos se submetessem à idéia de redução das dívidas, ou seja, aceitando a desvalorização de seus créditos. “Quanto maior a redução da dívida oferecida, maior a parcela remanescente dos créditos das instituições bancárias às nações endividadas”, afirmou Seidman. Assim, acredita ele, os bancos sentiriam maior segurança para entrarem no esquema de ajuda ao Terceiro Mundo.

Consultado sobre a iniciativa de Seidman, Brady confirmou ter recebido uma cópia com os detalhes da proposta, mas pronunciou-se contra a sua implantação pelo menos neste momento: “A idéia de um fundo internacional de seguros não conta com a simpatia dos credores e achamos que, embora a idéia tenha pontos positivos a ser melhor estudados, ela tem de aguardar um panorama financeiro internacional mais favorável”.

Brady aproveitou para manifestar sua confiança na nova rodada de negociações entre o México e os bancos credores, em Nova York, reiniciadas ontem: “Temos informações que os principais impasses estão sendo superados e um acordo deverá ser anunciado nas próximas horas”.

De fato, o ministro das Finanças mexicano, Pedro Aspe, chegou a declarar, no final da tarde, que “o México e os bancos estão cada vez mais próximos de

um acordo e o resultado será divulgado em breve”.

SALINAS

Em Caracas, para participar da conferência do Sistema Econômico Latino-Americano (Sela) — que reúne 20 nações do continente —, o presidente mexicano, Carlos Salinas de Gortari, fez um derradeiro apelo aos bancos comerciais para que dividam os prejuízos com as nações mais pobres. “Precisamos que todos, mas todos os bancos internacionais, assumam sua responsabilidade por esta crise”, declarou.

Empolgado com as informações sobre a taxa inflacionária mexicana de junho — 1,2% —, o que elevou o acumulado do ano para apenas 9,3%, Salinas destacou: “Nós, mexicanos, estamos cumprindo com nossa parte no acordo e, através de um rígido programa de ajuste interno, estamos conseguindo pôr ordem na casa. Agora”, concluiu, “precisamos da colaboração dos banqueiros internacionais”.



Associated Press

Salinas, o presidente mexicano: último apelo